I.

Grécia e Zona Euro dizem adeus a oito anos de resgates. O presidente do Eurogrupo, Mário Centeno, felicitou o governo de Atenas por reconquistar o controlo económico do país.

Itália diz que União Europeia é uma das responsáveis pela queda da ponte de Génova, referindo que as restrições orçamentais impostas impedem investimentos em obras públicas.

E ainda nesta edição: Bruxelas é pressionada a intervir na Roménia, onde há uma semana 450 pessoas ficaram feridas durante manifestações anticorrupção.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

A Grécia despediu-se ontem do terceiro e último programa de assistência financeira. Mário Centeno, presidente do Eurogrupo, reconheceu "o esforço extraordinário do povo grego". Mais com a jornalista da Antena 1, Rosa Azevedo.

[A mensagem de Centeno começa com um bom dia em grego. "Kalimera". Em pouco mais de um minuto, o presidente do Eurogrupo realça o trabalho feito pela Grécia. Um trabalho com efeitos práticos na criação de emprego e no crescimento da economia. "Este programa resgate chega ao fim depois de um caminho difícil e árduo, em que todos aprendemos as nossas lições. Mário Centeno não esquece o esforço feito pelo povo grego, a quem pede um pouco mais de paciência. "Eu sei que estas melhorias ainda não são sentidas por todos, é preciso esperar". Na mensagem em inglês, o presidente do Eurogrupo dá as boasvindas à Grécia, que já consegue manter-se sozinha sem empréstimos dos parceiros europeus ou do Fundo Monetário Internacional, O dia é de festa, mas Centeno deixa um aviso. "A Grécia reconquistou o controlo da sua economia. Com o controlo vem a responsabilidade. A Grécia pagou caro erros do passado. Voltar a esses tempos seria um risco".

O mais difícil está feito, diz Mário Centeno.

A Grécia põe hoje um ponto final num período de oito anos de resgates em que recebeu mais de 300 mil milhões de euros.]

A Grécia está desde ontem fora do programa de assistência financeira. Uma data histórica para Atenas e também para a Zona Euro, que vira a página sobre oito anos de resgates.

E connosco ao telefone está Victor Ângelo, consultor internacional e antigo secretário-geral adjunto das Nações Unidas, que reside em Bruxelas, capital da Bélgica.

Victor, um novo capítulo para a Grécia e também para a zona Euro. Sim, sobretudo do ponto de vista político é importante dizer que a Grécia já não está no programa de assistência e já não está num programa de austeridade. Isso é importante, porque politicamente dava a impressão de que a Grécia nunca conseguiria sair de uma situação de crise permanente.

Por outro lado, este programa de austeridade teve a vantagem de permitir resolver várias dívidas, que a economia e os bancos gregos tinham em relação aos bancos europeus. Por isso, os grandes vencedores também desta saída do programa de austeridade são os bancos alemães, os bancos franceses e todos os outros bancos que tinham grandes investimentos na economia e nas finanças gregas. Por outro lado, a Grécia vai continuar a ter que gerir uma situação económica difícil. Nos últimos oito anos, a economia perdeu cerca de um terço do seu valor, do PIB. O desemprego continua ser muito alto, cerca de 25% da população grega está desempregada, e sobretudo a questão dos jovens. Os jovens continuam a ver muito poucas perspectivas em relação ao seu futuro e muitos dos jovens gregos têm saído para outros países europeus à procura de trabalho.

III.

E da Grécia até Itália.

Autoridades de Roma dizem que União Europeia é uma das responsáveis pela queda da ponte de Génova, e salientam que as restrições orçamentais limitam os investimentos em obras públicas. Bruxelas já refutou estas acusações, como nos conta a jornalista Sofia Jesus.

O primeiro-ministro italiano, Giuseppe Conte, anunciou que além dos cinco milhões de euros que já tinham sido alocados, o Conselho de Ministros aprovou um novo fundo de 28,5 milhões de euros. Apoio destinado ao fortalecimento do sistema de transporte e realojamento das famílias, que tiveram de abandonar as casas na sequência da queda da ponte Morandi, em Génova. Um incidente que provocou 43 vítimas mortais.

O executivo italiano exigiu a demissão da direcção da empresa Autostrade per l'Italia, responsável pela gestão da ponte. O governo italiano atribuiu também parte da responsabilidade à União Europeia. No dia em que o viaduto colapsou, Matteo Salvini, líder do partido nacionalista e de extrema-direita Liga, sugeriu que as restrições orçamentais impostas por Bruxelas impedem investimentos em obras públicas.

Críticas que foram rebatidas pelo executivo comunitário. Numa conferência de imprensa, o porta-voz Christian Spahr, recordou que ao longo do período 2014-2020 a Itália recebe cerca de 2500 milhões de euros "ao abrigo de fundos estruturais e de investimento, para investimentos em redes de infra-estruturas, tais como estradas e ferrovias".

Spahr salientou ainda que em Abril deste ano, a Comissão também aprovou um plano de investimento para as auto-estradas italianas, que permite "investimentos na ordem dos 8500 milhões de euros, incluindo na região de Génova".

+++

Aqui então fica a resposta da Comissão Europeia às acusações das autoridades italianas.

Victor, que dizer da postura do governo de Roma e da União Europeia?

Matteo Salvini, o vice-primeiro ministro italiano, tentou fazer um aproveitamento político do trágico acontecimento e acusar a União Europeia, nomeadamente as políticas de austeridade. Mas a verdade é que a União Europeia salientou e respondeu, dizendo que existem verbas que foram atribuídas aos diferentes vários países, incluindo à Itália para reabilitação das infra-estrururas e para trabalhos de reforço de pontes e de auto-estrados. E por outro lado, também foi respondido por Bruxelas que nestas questões de orçamento é o governo nacional que decide quais são as prioridades. E se a prioridade for decidida por Roma num sentido e não no sentido de reforçar, por exemplo, as pontes existentes, é evidente que essa responsabilidade não cabe a Bruxelas mas sim ao governo italiano.

Como é que acontece uma catástrofe destas em Itália no ano 2018? A verdade é que a Itália nos anos 60 construiu toda uma série de infra-estruturas - pontes, auto-estradas, viadutos - que a tornaram nessa altura, nos anos 60, um dos países mais avançados em termos de rodovias. O tempo passou, os materiais gastaram-se e estão, digamos assim, cansados e, por outro lado, muitas das infra-estruturas que foram construídas nos anos 60 foram desenhadas para responder a um trânsito muito mais leve.

Um pouco o que se passa por toda a parte. Por exemplo, aqui em Bruxelas, os viadutos e os túneis mais importantes da cidade também foram construídos nos anos 60 e no começo dos anos 70 e estão hoje todos a precisar de ser reparados. Nós temos assistido nos dois últimos anos na capital da Europa ao fecho dos túneis e dos viadutos um após o outro.

A Itália, a Bélgica e outros países europeus estão neste momento confrontados com a necessidade de realizar investimentos de infraestutura extremamente importantes. Isto numa altura, evidentemente, em que há dificuldades orçamentais e os orçamentos não são elásticos. A austeridade não explicará tudo, a verdade é que os impostos já são muito elevados na Europa e não podem continuar a aumentar, mas por outro lado, as necessidades em termos de despesas públicas são enormes e nomeadamente em matéria de infra-estrutura.

A verdade é que as infra-struturas rodoviárias italianas são das piores da Europa. Segundo um ranking do Fórum Económico Mundial, Itália está em 45.º lugar, atrás de países como a Namíbia e a Suazilândia. Para termos uma ideia, Portugal posiciona-se em 8.º e a Espanha em 16.º. O que é que se pode dizer destes números?

Há também um problema de corrupção. É evidente que a Itália tem grandes problemas com o crime organizado, com a Máfia, com a Camorra, com a 'Ndrangheta na Calábria, com a Cosa Nostra na Sicília. E nomeadamente estas organizações criminosas têm a tendência a aproveitar-se dos trabalhos públicos, das obras publicas para extorquir dinheiro e para evidentemente ganhar dinheiro de uma maneira muito fácil. Só para dar um exemplo concreto, a autoestrada que vai de Salermo para o fim da bota da Itália, em Régio da Calábria, foi iniciada em 1966 e só terminada no início deste ano, ou seja em 2018. Isso aconteceu exactamente porque durante todo este período houve atrasos propositados para fazer aumentar os custos e para permitir às organizações criminosas, digamos assim, dessa parte de Itália, aproveitar as máximo as despesas e os custos que iam aumentando com o passar do tempo.

E como é que se pode justificar este 8.º lugar de Portugal? Portugal no final dos anos 90 e no começo dos anos 2000, investiu com dinheiros europeus de uma maneira muito intensa na construção de auto-estradas e na realização das vias principais que unem as diferentes cidades. No entanto, já se nota nalgumas partes, nalguns troços dessas auto-estradas uma certa fadiga dos materiais. Por exemplo, auto-estrada, a via do Infante, a parte que liga Tavira à fronteira espanhola está neste momento a mostrar os sinais do tempo. Embora seja uma construção relativamente recente, já tem muitos problemas de manutenção. E Portugal vai rapidamente ser confrontado com os custos dessa manutenção.

IV.

E ainda na actualidade europeia: mais de 80 carros arderam na semana passada na Suécia, numa acção criminosa que a polícia suspeita que possa ter sido combinada pelas redes sociais por gangues de jovens.

Aconteceu a menos de um mês da Suécia ir a eleições. Sondagens indicam uma forte subida dos *Sweden Democrats* – os Democratas Suecos - um partido eurocéptico e anti-migração que aparece em diversos estudos de opinião em primeiro lugar nas intenções de voto.

O grupo tem defendido que a imigração muçulmana é responsável pela violência e pelo crescimento da criminalidade, embora as estatísticas oficiais lancem dúvidas a este respeito.

Victor, uma sondagem apresentada num artigo da *Newsweek* dá exactamente 25 por cento aos *Sweden Democrats*. Se isso acontecer será uma grande mudança na Suécia, um país associado à tolerância e a uma política progressiva.

Até agora e durante dezenas e dezenas de anos, a Suécia foi governada pelo partido social-democrata, que é um partido do centro esquerda, tem sido um partido muito progressista, um partido muito preocupado com a questão das desigualdades sociais, mas a verdade é que os sociais-democratas provavelmente ir-se-ão encontrar numa situação de descida após as eleições ou durante as eleições de 9 de Setembro. Se isso acontecer, eles precisarão de se coligar com outros partidos. E mesmo que se coliquem com os partidos mais próximos politicamente da social-democracia, vão ter algumas dificuldades em ter a maioria dos assentos na Assembleia Nacional Sueca. É aí que este partido de extrema direita, os chamados Democratas Suecos, poderá desempenhar um papel no sentido ou de apoiar os sociais-democratas e entrar numa coligação governamental com os sociais-democratas, ou então apoiar os partidos da direita - e provavelmente é isso que irá acontecer - e nós iremos ter muito provavelmente na Suécia uma situação parecida com a que já temos hoje na Áustria, em que o partido do centro-direita foi buscar os votos do partido da extrema-direita, do partido nacionalista e pró-fascista da Áustria, e fez um governo de coligação com os pró-fascistas.

E o que é que poderá ter levado alteração deste cenário na Suécia? Em 2015 entraram na Suécia cerca de 65 mil imigrantes, num país que é relativamente pequeno, que é mais pequeno do que Portugal. Isso tem algum impacto, digamos assim, num país que tem sido um país tolerante, um país que aceita imigrantes, mas que não estava habituado a ver um rompante de imigração tão grande num espaço de tempo tão pequeno. E também numa altura em que as condições orçamentais da Suécia não permitiam mobilizar recursos suficientes para facilitar a integração destas pessoas. E a verdade é que muitos desses imigrantes que entraram há três anos têm muitas dificuldades em encontrar emprego, têm muitas dificuldades em aprender a língua sueca e, por isso, há imensos problemas de marginalização dessas pessoas.

V.

Já voltamos à conversa com Victor Ângelo. E a União Europeia está a ser pressionada para intervir na Roménia, uma semana depois de protestos anticorrupção naquele país deixarem 450 pessoas feridas. Mais com a iornalista Marta Melo.

Mais de 450 pessoas ficaram feridas e outras 30 foram detidas há uma semana e meia durante uma manifestação em Bucareste, contra o governo romeno. Os participantes exigiam a demissão do executivo e pediam eleições antecipadas.

O presidente do país Klaus Iohannis, crítico do Governo, condenou a intervenção da polícia de choque, que classificou de "brutal" e "desproporcionada".

As manifestações têm sido regulares desde o ano passado, quando os sociais-democratas subiram ao poder e introduziram alterações ao sistema judicial e código criminal. Alterações que foram criticadas e denominadas como um passo atrás no Estado de Direito na Roménia.

Líderes dos Verdes do Parlamento Europeu fizeram um apelo à Comissão Europeia que lance mecanismo de Estado de Direito. "Os romenos estão à procura de ajuda da União Europeia e acho que devemos dar isso". Foi o que disse Ska Keller, co-presidente alemã do grupo dos Verdes, ao jornal *The Guardian* na sexta-feira.

A União Europeia está a ser pressionada para não deixar escalar a violência e a instabilidade política. Deve fazê-lo? Uma aliança entre as forças democráticas da Roménia e uma certa pressão politica vinda do exterior e nomeadamente de Bruxelas poderá em certa medida fazer com que o governo no poder em Bucareste considere que a situação actual precisa de mudar. O país está em crise há um ano e meio, vários ministros foram incriminados por corrupção, o primeiro-ministro também foi incriminado e foi condenado pelos tribunais, mas continua em liberdade. Ele chama-se Liviu Dragnea. E Liviu Dragnea é não só o homem forte, mas é também o dirigente do partido socialdemocrata, que é o partido que está no poder. Este partido social-democrata faz parte da família socialista europeia. Eu penso que deveriam ser os socialistas europeus os

primeiros a dizer que a situação actual não pode continuar e que o governo da Roménia tem que deixar de procurar controlar o sistema de justiça, tem de criar condições para que a corrupção seja combatida e tem também que criar condições para que o país se possa desenvolver.

A Roménia prepara-se para tomar a presidência rotativa da União Europeia em 2019. Que importância pode ter este dado na actual conjuntura?

Tudo isto é muito preocupante. Na realidade, a Roménia é um país muito recente na União Europeia, com imensos problemas políticos, económicos e de funcionamento das estruturas sociais. Vai presidir à União Europeia numa altura em que a União Europeia precisa de uma presidência forte. Ora, a Roménia é exactamente o contrário, é uma presidência muito fraca, um governo que é muito contestado internamente e é um governo que tem, além disso, uma imagem muito negativa.

Tudo isto desacredita a União Europeia, tudo isto é prejudicial para o fortalecimento da imagem de uma Europa de valores e de uma Europa em que há separação de poderes.

Para terminar, um comentário ainda sobre Kofi Annan, ex-secretário geral da Organização das Nações Unidas, também Nobel da Paz que morreu no sábado aos 80 anos. O Victor, que trabalhou directamente com ele, foi representante especial de Kofi Annan em África. O que fica deste homem?

Várias coisas. Kofi Annan – eu trabalhei directamente com ele, de facto - era um homem excepcional, era um diplomata único, com uma maneira de resolver as coisas extremamente calma e profunda. E era uma pessoa que conseguia unificar, conseguia unir as pessoas e não dividi-las. O desaparecimento de Kofi Annan deve fazer reflectir sobre o valor da diplomacia que ele representou. Ou seja, é altura de dizer neste momento triste que a diplomacia que era praticada por Kofi Annan é uma diplomacia que dá resultados, que deve ser essa a maneira como os conflitos e as tensões entre os diferentes países devem ser resolvidos. Ele foi um exemplo muito claro de que a diplomacia funciona e de que a diplomacia exige grandes líderes e ele foi um grande líder.

Palavras de Victor Ângelo sobre Kofi Annan. Hoje ficamos por aqui, até para a semana.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa

resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.